

Presidente do MAIS Sindicato: “É impossível pedirmos aumentos inferiores à inflação”

Os bancários já perderam demasiado poder de compra e não podem sofrer ainda mais, defende o presidente do Mais Sindicato. As negociações para as atualizações salariais para 2023 devem prever aumentos que no mínimo cubram a inflação, afirma António Fonseca.

Depois da eliminação de milhares de postos de trabalho no setor financeiro nos últimos anos, os bancários enfrentam, como a restante população, uma taxa de inflação que diminui o poder de compra das famílias. Em entrevista ao Negócios, o presidente do Mais Sindicato defende – sublinhando que essa é uma posição pessoal – que as atualizações salariais de 2023 devem ser superiores à inflação.

As negociações das atualizações salariais de 2023 estão prestes a começar. Que números vai o sindicato exigir?
Estamos no processo de concertar posições entre os sindicatos da UGT e pensamos concluí-lo em setembro. A perspetiva é que a taxa de inflação vá rondar 9% ou 10%. Ainda não tomámos essa decisão, os três sindicatos vão avaliar durante o mês de setembro e fazer uma proposta. Mas a minha convicção individual é que, depois de os bancários perderem durante tantos anos, não será possível pedir uma atualização inferior à inflação previsível para 2023. Na minha opinião é impossível pedirmos um valor inferior à taxa de inflação.

Se as vossas reivindicações não forem atendidas, que formas de luta poderão adotar? A hipótese de marcarem greves está posta de parte?

As formas de luta estão sempre todas em aberto. Mas não devemos começar pela greve, privilegiamos a negociação. Os sindicatos vão ter de ser criativos, porque as greves na banca não têm funcionado de forma eficaz, pelo contrário. Vive-se um

período de medo e opressão sobre os trabalhadores, que têm medo de perder os empregos, de sofrerem processos de despedimento coletivo. As nossas greves não têm sido eficazes, por isso vamos ter de encontrar outras formas de reivindicação e sensibilização das administrações dos bancos. A greve deve ser o último recurso.

“Os sindicatos vão ter de ser criativos, porque as greves na banca não têm funcionado de forma eficaz, pelo contrário.”

A profissão de bancário ainda é atrativa?

Sou bancário desde 1991, há mais de 30 anos. Naquela altura, o que levava as pessoas a esta profissão? A remuneração não era nada má no contexto português, e era um emprego para a vida, que hoje já não é. Hoje os salários são uma vergonha. Um licenciado que entra em início de carreira ganha 800 e tal euros. E não é só isso: é o ritmo de trabalho e a exigência que lhe fazem. E não há muita gente disponível para isto, o que tem consequências. O Santander já paga 1.200 euros no mínimo. Se não for assim, os bancos vão ter dificuldade em contratar. O terceiro argumento ainda existe: é ter acesso a um sistema de saúde privado com qualidade, coisa à qual os mais jovens não dão muito valor.

Os bancos têm apresentado melhorias significativas dos resultados. Ao mesmo tempo continuamos a assistir a saídas e fecho de balcões. Como olha para esta evolução?

Nós ficamos muito contentes quando as instituições de crédito apresentam lucros. Aliás, o ideal é que os bancos estejam sempre saudáveis e apresentem lucros. Agora o que me parece é que estes lucros têm sido muito à custa dos trabalhadores e da diminuição de postos de trabalho, e isso parece-me extremamente desajustado. Os bancos poderiam ter feito reduções de uma forma mais progressiva. Não havia necessidade, como houve no BCP e no Santander, de chegar ao ponto de ter de fazer despedimentos coletivos. Isso não podemos aceitar. Os trabalhadores são quem contribui para estes lucros e depois não se reflete nada neles. Só se reflete, pelos vistos, nos acionistas e vejo isso com muita tristeza. Devia haver alguma aposta também nas remunerações daqueles que estão cá. E a verdade é que não se tem visto esse reflexo nas remunerações. Existe um estímulo para reduzir pessoal e temos

neste momento muitas queixas de excesso de trabalho por ausência de mão de obra. A digitalização não responde a tudo. Quando se manda dez embora e se contrata um ou dois e continua-se a fazer a mesma coisa e os lucros continuam a aparecer, alguma coisa está errada. Há imensos bancários a sofrer neste momento. Há pressões enormes, há casos de “burnout” e baixas constantes porque não aguentam este ritmo.

O setor está a mudar e os perfis tecnológicos têm cada vez mais peso. Será a própria natureza da profissão que está em causa?

Está a mudar seriamente. Daqui a uns anos – e podem não ser assim tantos – ir a uma agência será uma visita quase virtual. Vai ter máquinas, e possivelmente alguém para ver se a máquina precisa de ajuda ou manutenção. Hoje em dia já se faz análise de crédito de forma automatizada. A figura tradicional do bancário tem os dias contados. Os bancários, tal como existem hoje, estão em vias de extinção. O BPI já nem tem “front-office” – aquelas pessoas com quem depositávamos dinheiro físico ou levantávamos um cheque. Mas acredito que surgirão outras categorias profissionais na banca.

“Os salários são uma vergonha. Um licenciado em início de carreira ganha 800 e tal euros.”